

Geociências no Rio Grande do Sul: o Museu de Paleontologia da UFRGS - Irajá Damiani Pinto¹

Geociencias en Rio Grande do Sul: el Museo de Paleontología de la UFRGS - Irajá Damiani Pinto

Geosciences in Rio Grande do Sul: the UFRGS Paleontology Museum - Irajá Damiani Pinto

**Anna Claudia Amaral Juliace²
Camila Silveira da Silva³
Flávia Braga Araújo da Silva⁴**

Resumo

O estado do Rio Grande do Sul, é um importante espaço de descobertas paleontológicas e geocientíficas, abrigando fósseis de relevância mundial, especialmente os relacionados ao período Triássico. Importantes cientistas ligados às Geociências, são originários do estado dentre os quais Irajá Damiani Pinto, que ao iniciar uma coleção com intuito de apoiar as atividades didáticas e científicas realizadas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, passou a reunir fósseis inicialmente coletados por ele próprio na década de 1940, dando origem a uma coleção, que ao longo das décadas se expandiu, tornando-se a gênese do Museu de Paleontologia da UFRGS - Irajá Damiani Pinto. Ao longo dos anos, o museu cresceu, tornando-se uma das mais importantes instituições atuantes na preservação e estudo de fósseis da América Latina, com mais de 30 mil peças em seu acervo. Além de espaço para desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, o museu desempenha destacado papel na divulgação científica e na educação não formal, recebendo além de inúmeros visitantes espontâneos, também grupos escolares, público universitário, estudantes de pós-graduação, pesquisadores e cientistas. O Museu de Paleontologia da UFRGS - Irajá Damiani Pinto, preserva e divulga o patrimônio geocientífico no estado do Rio Grande do Sul, democratizando assim o conhecimento acadêmico, buscando colocá-lo ao alcance de todos.

Palavras chave: Museu de Paleontologia da UFRGS; Irajá Damiani Pinto; Geociências; Rio Grande do Sul

Resumen

O estado do Rio Grande do Sul, é um importante espaço de descobertas paleontológicas e geocientíficas, abrigando fósseis de relevância mundial, especialmente os relacionados ao período Triássico. Importantes cientistas ligados às Geociências, são originários do estado dentre os quais Irajá Damiani Pinto, que ao iniciar uma coleção com intuito de apoiar as atividades didáticas e científicas realizadas na Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, passou a reunir fósseis inicialmente coletados por ele próprio na década de 1940, dando origem a uma coleção, que ao longo das décadas se expandiu, tornando-se a gênese do Museu de Paleontologia da UFRGS - Irajá Damiani Pinto. Ao longo dos anos, o museu cresceu, tornando-se uma das mais importantes instituições atuantes na preservação e estudo de fósseis

¹ Artigo apresentado no X Encontro Humanístico Multidisciplinar - EHM e IX Congresso Latino - Americano de Estudos Humanísticos Multidisciplinares, na modalidade online, 2024.

² Mestre em Geociências; Universidade Federal do Paraná - UFPR e Comando Militar do Sul - CMS; Curitiba e Porto Alegre; Paraná e Rio Grande do Sul; anna.amaral@gmail.com

³ Doutora em Educação para a Ciência; Universidade Federal do Paraná - UFPR; Curitiba; Paraná; silveiradasilva.camila2@gmail.com

⁴ Graduada em Museologia; Comando Militar do Sul - CMS; Porto Alegre; Rio Grande do Sul; flaviabas04@gmail.com

da América Latina, com mais de 30 mil peças em seu acervo. Além de espaço para desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, o museu desempenha destacado papel na divulgação científica e na educação não formal, recebendo além de inúmeros visitantes espontâneos, também grupos escolares, público universitário, estudantes de pós-graduação, pesquisadores e cientistas. O Museu de Paleontologia da UFRGS - Irajá Damiani Pinto, preserva e divulga o patrimônio geocientífico no estado do Rio Grande do Sul, democratizando assim o conhecimento acadêmico, buscando colocando-lo ao alcance de todos.

Palabras clave: Museo de Paleontología de la UFRGS; Irajá Damiani Pinto; Geociencias; Río Grande del Sur

Abstract

The state of Rio Grande do Sul is an important place for paleontological and geoscientific discoveries, housing fossils of global importance, especially those related to the Triassic period. Important scientists linked to Geosciences are from the state, among them Irajá Damiani Pinto, who, when starting a collection with the aim of supporting the educational and scientific activities carried out at the Federal University of Rio Grande do Sul - UFRGS, began to gather fossils initially collected by himself in the 1940s, giving rise to a collection that expanded over the decades, becoming the genesis of the UFRGS Paleontology Museum - Irajá Damiani Pinto. Over the years, the museum grew, becoming one of the most important institutions active in the preservation and study of fossils in Latin America, with more than 30 thousand pieces in its collection. In addition to being a space for academic research, the museum plays a prominent role in scientific dissemination and informal education, receiving not only countless spontaneous visitors, but also school groups, university students, postgraduate students, researchers and scientists. The UFRGS Paleontology Museum - Irajá Damiani Pinto preserves and disseminates the geoscientific heritage of the state of Rio Grande do Sul, thus democratizing academic knowledge and seeking to make it accessible to everyone.

Keywords: UFRGS Museum of Paleontology; Irajá Damiani Pinto; Geosciences; Rio Grande do Sul

1. Introdução

O estado do Rio Grande do Sul, possui grande destaque nos estudos relacionados às Geociências, tendo em vista o protagonismo de pesquisadores sulistas, como, Llewellyn Ivor Price, Carlos de Paula Couto, Padre Daniel Cargnin, Irajá Damiani Pinto, dentre outros (MANZIG; WEINSCHUTZ, 2011).

Esses pesquisadores, atuaram, contribuíram ou foram responsáveis pela formação de museus, ou coleções de Geociências e percebiam nas instituições museais, grande potencial para a educação e divulgação científica. Cabe ainda, ressaltar, que esses geocientistas, foram figuras ativas na busca de parcerias com Universidades para formação de coleções e posteriormente museus de ciências, buscando fortalecer assim a pesquisa científica e a construção de conhecimento (SILVA, 2014).

“Consolidaram a pesquisa e a divulgação desse patrimônio no estado do Rio Grande do Sul, no Brasil e a difundiram para o mundo. Assim, reconhecer o trabalho desses indivíduos é um gesto a fim de respeitar as pessoas que muitas vezes se dedicaram de maneira exclusiva à pesquisa, atividade essa marcada frequentemente à base de recursos escassos, mas muito empenho.” (SILVA, 2014, p.44)

Buckup (2005) afirma, no Rio Grande do Sul, museus que possuem em sua coleção acervos relacionados às Geociências se consolidaram no início do século XX, com a inauguração do Museu

Júlio de Castilhos (1903), que apesar de possuir um acervo bastante diversificado, contava com coleções relacionadas a temática.

Na esteira da consolidação de coleções que abordavam a temática de geociências, desenvolve-se a partir da década de 1940, idealizada pelo então assistente da cadeira de Paleontologia do curso de Geologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Irajá Damiani Pinto, uma coleção de paleontologia com fins didáticos e expositivos, composta por materiais coletados por Pinto em suas saídas de campo.

A coleção, que nasce de um trabalho de coleta solitário, cresceu com a contribuição de outros pesquisadores, passando a ter características de acervo museológico, culminando no atual Museu de Paleontologia Irajá Damiani Pinto.

O objetivo do presente trabalho é apresentar a transição da coleção didática em museu de geociências que contribuiu e segue contribuindo para divulgação da ciência e dos fósseis do estado do Rio Grande do Sul, apoiando estudantes, acadêmicos e cientistas em atividades de pesquisa.

2. O Rio Grande do Sul e as Geociências

O Rio Grande do Sul é berço de importantíssimos cientistas que atuaram de forma importante em pesquisas e na divulgação da geopaleontologia nacional. Llewellyn Ivor Price, foi um dos responsáveis na busca de viabilizar meios para que pesquisas paleontológicas pudessem ser desenvolvidas no Brasil (MAZING; WEINSCHUTZ, 2011). Já Carlos de Paula Couto, segundo os autores é apontado como um pesquisador preocupado com a preservação de afloramentos fósseis, além de incentivador para inclusão de fósseis como patrimônio natural e cultural da nação, o que motivou que esse patrimônio passasse a ser protegido juridicamente durante o governo de Getúlio Vargas.

Outro pesquisador importante e muito atuante na região, foi o paleontólogo autodidata Padre Daniel Cargnin, residente na cidade de Mata no interior do Rio Grande do Sul, militou pela preservação de troncos fósseis da região, o que resultou na criação do “Jardim Paleobotânico de Mata” uma reserva de proteção, única no Brasil e protegida até os dias atuais (MANZIG; WEINSCHUTZ, 2012).

Para além, Padre Daniel Cargnin por meio de suas coletas durante trabalhos de campo por diversas cidades no interior do estado, contribuiu para constituição de acervos em várias instituições, incluindo a do museu de Paleontologia da UFRGS - Irajá Damiani Pinto, objeto de estudo deste trabalho (SILVA, 2014).

Segundo Zarpelon (2022), o hoje chamado Museu de Paleontologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Irajá Damiani Pinto, recebe essa alcunha em homenagem ao, paleontólogo e professor emérito da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, de mesmo nome.

A instituição tem origem em coleções formadas a partir de 1945, pelo então recém-nomeado assistente da cadeira de Paleontologia. Pinto, atuou na área de estudo de ostracodes fósseis, fortalecendo-a não só no curso de Geologia na Instituição, mas em todo território nacional, implantando inclusive linhas de pesquisa na área nos programas de Pós-Graduação em Paleontologia na UFRGS (SILVA, 2014).

Para além, o professor reuniu ao longo dos anos pelo menos sete mil peças que compõem a coleção de invertebrados da instituição, sendo também o responsável pelo primeiro registro de espécime fóssil no livro tomo do museu (SCHULTZ, 2020). Cabe ressaltar que no âmbito da UFRGS, Pinto foi um importante pesquisador, sendo também um dos responsáveis pela criação do Centro de Estudos Costeiros Limnológicos e Marinhos - CECLIMAR. (ZARPELON, 2022) .

2.1 Coleção e Geociências: Irajá Damiani Pinto e o desenvolvimento do Museu de Paleontologia da UFRGS

Em 1945 o à época assistente Irajá Damiani Pinto, recebeu autorização para utilizar duas salas no porão onde hoje funciona a Faculdade de Direito UFRGS. Uma das salas passou a funcionar como biblioteca e depósito, enquanto a outra funcionava como laboratório, sala de aula e o chamado Museu do Curso de História Natural (SCHULTZ, 2020). Segundo o autor, durante muitos anos o professor Irajá foi responsável por, manter e alimentar a coleção, por meio da coleta de fósseis em trabalhos de campo que serviram tanto como recurso didático para as aulas, como acervo para o Museu do Curso.

Segundo Iannuzzi e Frantz, (2007) a necessidade em constituir uma coleção didática, que se inicia com fósseis paleoinvertebrados e tem posteriormente agregadas amostras com outras características e diferentes tipologias, surge da emergência ilustrativa no ensino prático de Geologia e Paleontologia ministradas pelo próprio autor na Universidade.

Com a transferência do curso de História Natural para o prédio do Instituto de Filosofia e Ciências Naturais da UFRGS, em 1954, o espaço destinado para a guarda do acervo em formação foi sensivelmente reduzido, como consequência, as vitrines que abrigavam as amostras passaram a ser posicionadas pelos corredores da instituição (SCHULTZ, 2020). Com essa situação, ainda na década de 1950, foi idealizado um projeto, com objetivo de criar o Departamento de Geologia e Paleontologia da UFRGS, prevendo inclusive a inclusão de um museu no espaço (IANNUZZI; FRANTZ, 2007). A ideia não foi concretizada, mas a atitude chama atenção para a preocupação do

professor com a preservação do patrimônio geopaleontológico coletado e armazenado até aquele momento e utilizado como uma das ferramentas para educação e divulgação científica.

“A falta de espaço próprio para a Geologia, me fez planejar uma área no novo campus. Na mesma ocasião, o reitor determinava à Prefeitura da Universidade, a elaboração de prédios no hoje Campus do Vale. Os prédios projetados atenderiam, de imediato e com grande eficiência, todas as necessidades de área do Curso, naquele momento, e com vistas ao futuro. No projeto foi previsto, também, grande Museu de Geologia e Paleontologia. O prédio deveria estar inserido no plano que a Universidade denominava como Centro de Pesquisas Básicas, incluindo: Matemática, Física, Química, Biologia, Zoologia, Botânica, Biblioteca Central, um Centro Social, além de residência para alunos e professores visitantes. (IANNUZZI; FRANTZ., 2007, p. 43).

Apenas na década de 1970, foi fundado o Instituto de Geociências da UFRGS (IGEO/UFRGS), comportando os cursos de graduação em Geologia e Geografia, com departamentos alocados em diferentes pontos do Campus Central da UFRGS (SCHULTZ, 2020). Nesse sentido, segundo o histórico apresentado pelo próprio Museu de Paleontologia da UFRGS, o Departamento de Paleontologia e Estratigrafia absorveu o Museu do curso de História Natural, que seguiu ocupando parte do Instituto de Filosofia e Ciências Naturais, até 1987, quando todo o Instituto foi transferido para o Campus do Vale onde se encontra até os dias atuais. Cabe ressaltar que a partir desse marco a instituição passa a ser referenciada como Museu de Paleontologia.

O prédio localizado no Campus do Vale abriga os departamentos de Geologia, Mineralogia e Petrologia; Paleontologia e Estratigrafia; Geodésia e Geografia (SCHULTZ, 2020). O autor afirma que na ocasião da transferência, no final da década de 1980, para o referido Campus, o museu já contava com milhares de amostras de invertebrados, vertebrados e plantas fósseis, além de exemplares de microfósseis de espécimes diversos, organizados em diferentes coleções.

Durante os anos 1990, segundo Schultz (2020), uma sala térrea do prédio foi reformada de modo a abrigar um espaço expositivo, onde os fósseis mais significativos da coleção eram expostos ao público, além da comunidade acadêmica, recebendo inclusive visitas escolares. A vasta coleção, com o passar do tempo, passou a receber posição de acervo museológico, tendo em vista a continuidade dos trabalhos de coleta que passou a ser realizado pelos professores que sucessivamente assumiram os diversos gabinetes de pesquisa do Departamento ao qual o Museu se encontra vinculado (SILVA, 2014).

Em agosto de 2004, o Museu de Paleontologia, idealizou e exibiu a exposição “Antes dos Dinossauros” no Museu Universitário da UFRGS, localizado próximo ao centro da cidade de Porto Alegre. A amostra foi planejada, para ficar em cartaz inicialmente, por seis meses, porém teve seu período de exibição estendido devido ao sucesso de público, ficando em exibição até abril de 2005, recebendo mais de quinze mil pessoas ao longo de sua exibição (SILVA, 2014). A exposição contou

com inúmeras peças do acervo do Museu e contou com a curadoria de diversos pesquisadores da UFRGS.

Segundo publicação da página oficial do Museu de Paleontologia (2020), em 2005, quando a referida exposição foi encerrada, não houve espaço suficiente para que a mesma fosse abrigada no Departamento de Paleontologia e Estratigrafia da UFRGS, tendo em vista a quantidade de acervo exposto na mesma, além do material armazenado na própria Universidade e da continuidade das coletas realizadas em trabalhos de campo dos pesquisadores do Departamento.

A consequência da grande quantidade de acervo e da falta de espaço físico, foi o fechamento da antiga sala disponibilizada para exposições no Departamento, ocasionando assim a suspensão das visitas públicas as coleções, gerando momentos de frustração aos visitantes que se dirigiam ao local, para realizar visitas com finalidades, didática ou recreativa (SILVA, 2014).

Tal situação trouxe revisitou a necessidade iminente de preservação e exposição daquele importante acervo geopaleontológico, que de fato atuava como ferramenta de educação e divulgação científica para comunidade local e regional, com isso iniciou-se a busca de recursos para reformas, ampliação e adaptação das instalações para receber de forma adequada, o acervo e as exposições (SCHULTZ, 2020).

Em 2007, sob coordenação da então diretora Professora Valesca Brasil Lemos, foi confeccionado e posteriormente executado, via patrocínio da PETROBRAS, um projeto arquitetônico para abrigar e expor uma exposição didática que apresentasse a História da Vida na Terra (SILVA, 2014). Assim, em dezembro de 2008, foi inaugurada a exposição “Fósseis, Testemunhos da Vida na Terra”. Nesse momento o Museu de Paleontologia recebeu a alcunha de “Irajá Damiani Pinto”, em homenagem ao fundador da coleção que deu origem à instituição. No espaço também existe um local chamado “Sala de Exposições Mário Costa Barberena” homenagem ao também professor e paleontólogo responsável pela implantação da área de Paleontologia de Vertebrados do Departamento responsável pelo museu (ZARPELON, 2022).

Em relação à estrutura física que compõem o Museu, o mesmo está inserido na estrutura que abriga o departamento de Paleontologia e Estratigrafia que conta com dois andares. Distribuídos nos dois pavimentos, encontram-se, ambientes organizados como: laboratórios para processamento de amostras, sala de exposição, reservas técnicas, auditório e salas que abrigam os gabinetes de professores, curadores e os demais membros da equipe. Nesse sentido é importante ressaltar, que até os dias atuais, parte do acervo que integra a coleção do Museu, encontra-se disposto em expositores de madeira nos corredores do prédio.

Quanto às coleções que compõem o acervo, Silva (2014), aponta que as mesmas podem ser classificadas entre científicas e didáticas e são compostas por amostras de paleovertebrados,

paleoinvertebrados, paleobotânica, microfósseis e palinologia, cada uma gerida de forma autônoma por curador ou curadores específicos e seus laboratórios de vinculação.

A exposição conta com apresentação de uma linha do tempo geológico, apresentando desde as primeiras formas de vida terrestre até espécimes da atualidade. Para além, também são utilizados como recursos expográficos painéis com ilustrações de paleoartistas elucidando os períodos do tempo geológico e espécimes fósseis. A exposição também conta com objetos tridimensionais, dispostos, dentro e fora de vitrines, para comunicar e enriquecer o discurso expositivo.

Um dos focos da amostra, de caráter permanente, é apresentar resultados de pesquisas desenvolvidas na UFRGS, relacionadas aos vertebrados do Triássico do Rio Grande do Sul. O recorte referente ao Triássico pelos curadores, se justifica, tendo em vista a riqueza do registro fóssilífero, referente ao período encontrado no estado, que figura, inclusive, dentre os mais expressivos mundialmente (MUSEU DE PALEONTOLOGIA).

A inauguração do espaço expositivo contribuiu para impulsionar a divulgação da coleção do Museu que está classificada dentre uma das mais completas da América Latina, referentes ao tema, totalizando cerca de trinta mil peças originais que estão divididas entre fósseis, holótipos e parátipos, além de réplicas. O acervo, que também, ainda como em sua origem, é utilizado para fins didáticos, além de expositivos, segue sendo ampliado, por meio de coletas e intercâmbios realizados ao redor do mundo, contando com exemplares de todos os continentes e períodos geológicos (SCHULTZ, 2020).

Dado importante de se ressaltar, segundo Souza, Fagundes e Leitzke (2014) é que em 2011, foi criada a Rede de Museus e Acervos Museológicos da UFRGS (REMAM), a qual o Museu de Paleontologia encontra-se vinculado. A rede coordenada pelo Museu da UFRGS, tem dentre seus objetivos, o estabelecimento de políticas para preservação de acervos culturais e científicos sob guarda da Universidade, além de tecer uma teia de cooperação, educação e divulgação científica, entre instituições museais, departamentos de pesquisa e cursos universitários.

Segundo Zarpelon (2022), no ano de 2019 o museu recebeu cerca de cinco mil visitantes, entre público espontâneo e grupos escolares de Porto Alegre e região Metropolitana. O autor ainda apresenta e reforça a ideia que a instituição de fato age como ferramenta efetiva de divulgação científica, não só para educação escolar, mas para os alunos da própria Universidade.

Utilizando a internet como ferramenta e buscando reforçar o importante papel do Museu como vetor de divulgação científica, em julho de 2019, a instituição passou a publicar na plataforma Instagram. “Percebe-se o quanto a história do museu é densa e passou por inúmeros desafios ao longo do tempo, assim, sua inserção em redes sociais online é parte indissociável dessa história.” (ZARPELON, 2022, p.2)

Durante a pandemia de COVID-19 entre os anos de 2020 e 2021, apesar da instituição manter suas portas fechadas, buscou-se ainda assim proporcionar interatividade com o público, de manter os antigos admiradores e atrair novos visitantes, para tal, foi lançado um tour virtual pela exposição, viabilizando um giro completo pelo circuito expositivo apresentado.

Com o restabelecimento das atividades, no período pós-pandemia, na Universidade, o Museu voltou a receber o público espontâneo, escolar e universitário, com a realização de mediação, quando previamente agendada com a instituição. Quanto ao aspecto dos mediadores, cabe ressaltar que os mesmos são alunos de graduações como Geologia e Biologia, por exemplo, que recebem bolsas para atuar na instituição e são preparados pela equipe de curadores do Museu para receber os grupos escolares. Já as mediações realizadas para o público universitário, são realizadas pelos próprios professores, curadores ou por pesquisadores vinculados aos laboratórios dos professores.

Cabe ressaltar o fato que em função do trabalho desempenhado por alunos bolsistas, o museu sofre com períodos sazonais nos quais as mediações escolares são suspensas em função de férias universitárias, encerramento e abertura para processo seletivo de alunos interessados em atuar na instituição, além do tempo de preparação dos mesmos. Nesse sentido ressalta-se, que há rotatividade nas equipes, porém não comprometendo a qualidade das mediações apresentadas.

Nesses espaços de tempo os curadores, até buscam minimizar essa defasagem recebendo grupos escolares, dentro de suas possibilidades, mas cabe ressaltar que esses profissionais também lecionam, desenvolvem pesquisas científicas, orientam alunos, eventualmente exercem diferentes funções de coordenação ou administrativas, o que dificulta a atuação como mediadores frequentes na exposição.

Porém, mesmo na ausência de atividades mediadas o Museu segue recebendo visitantes espontâneos, com dias de maiores movimentos no período de férias escolares ou quando a Universidade realiza eventos para a comunidade, como o “UFRGS Portas Abertas” que ocorreu em agosto de 2024, no qual mais de 750 visitantes passaram pela exposição em um único dia.

O Museu de Paleontologia da UFRGS - Irajá Damiani Pinto, segue recebendo visitas diariamente, de um público que as realiza para fins recreativo e também de pesquisadores nacionais e internacionais que possuem interesse em fósseis do Rio Grande do Sul, além de servir como apoio didático para disciplinas dos cursos de Geologia, Biologia e Geografia, que ali realizam aulas práticas. Essas ações reafirmam o viés da instituição como espaço de educação não formal e divulgação científica, no campo das Geociências, democratizando conhecimento científico, por meio de exposições e divulgação dos trabalhos produzidos por pesquisadores não só do Departamento de Paleontologia e Estratigrafia mas também colaborações com outros departamentos do Instituto de Geociências da UFRGS (SILVA, 2014).

Referências

- BUCKUP, L. **Como tudo começou.** In: Fundação Zoobotânica do Rio Grande do Sul. Museu de Ciências Naturais. 50 anos pesquisando a Biodiversidade Gaúcha. Porto Alegre: 2005. (Capítulo de livro)
- IANNUZZI, R., FRANTZ, J.C. **50 Anos de Geologia - Irajá Damiani Pinto, História e Memória.** Porto Alegre: Ed. Comunicação e Identidade. 2007. (Obra completa)
- MANZIG, Paulo, C.; WEINSCHÜTZ, Luiz, C. Museus e fósseis da Região Sul do Brasil. Marechal Cândido Rondon: Editora Germânica. 2011. (Obra completa)
- MUSEU DE PALEONTOLOGIA DA UFRGS IRAJÁ DAMIANI PINTO. **Página da instituição.** Disponível em: <https://www.ufrgs.br/museupaleonto/>. Acesso em: 15 SET 2024.
- SCHULTZ, C. L. **História do Museu de Paleontologia Irajá Damiani Pinto.** Museu de Paleontologia. 2020. Disponível em: https://www.ufrgs.br/museupaleonto/?page_id=677>. Acesso em: 15 SET 2024.
- SILVA, S. B. **Paleontologia em uma perspectiva museal: um olhar sobre a gestão de acervos paleontológicos na dinâmica do Museu de Paleontologia Irajá Damiani Pinto.** Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2014. (Dissertação ou Tese)
- ZARPELON, A. R. **Comunicação e digitalização em instituições públicas: o caso do Museu de Paleontologia Irajá Damiani Pinto no Instagram.** Trabalho de conclusão de curso. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre. 2022. (Dissertação ou Tese)